

ARTE DE RUA: UMA ANÁLISE DAS CHARGES DO ATIVISTA FOLKMIDIÁTICO RÉGIS SOARES EM TEMPOS DE PANDEMIA²⁸³

Ítalo Rômany de Carvalho Andrade²⁸⁴

Severino Alves de Lucena Filho²⁸⁵

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo analisar as charges produzidas pelo ativista folkmediático Régis Soares, dentro do aspecto da pandemia da covid-19. Ao expor os trabalhos na rua, em João Pessoa (PB), Soares problematiza as questões do cotidiano, principalmente motes políticos, abrangendo enquanto norte a comunicação popular por meio da sátira e do humor. Enquanto proposta metodológica, o trabalho segue os parâmetros de Joly (2007), dentro do aspecto da cultura visual, contextualizando as charges produzidas com temáticas relacionadas ao Sars-CoV-2. Conclui-se que as charges, para além da comunicação popular e da questão pedagógica, são sátiras de resistência que refletem as políticas de saúde por parte do governo federal e amplificam os problemas sociais enfrentados pela população.

Palavras-chave: charge; pandemia; ativismo folkmediático; covid-19.

1 Introdução

A pandemia da covid-19 impactou diversos setores e aponta para divergências sociais dos quais uma grande parcela da sociedade enfrenta em seu cotidiano. No Brasil, para além das questões de saúde, o vírus Sars-CoV-2 ocasionou uma série de conflitos, principalmente no que tange aos embates políticos entre o presidente Jair Bolsonaro e governadores e prefeitos. Enquanto gestores locais, para amenizar os efeitos da pandemia, adotavam medidas rígidas, a exemplo do isolamento social – com fechamento do comércio, escolas etc. —, Bolsonaro, por outro lado, defendia um medicamento sem comprovação científica e gerava aglomerações, na perspectiva de “salvar” a economia.

Embates como estes, citados acima, permeiam o imaginário de chargistas na produção de iconografias que trazem, em seus traços, reflexões acerca do país que vivemos. Enquanto gênero, a charge tem a capacidade de, muitas vezes, por meio do humor, inclusive, questionar e satirizar as legitimações do poder, os retrocessos sociais. Na pandemia da covid-19, diante das desigualdades existentes, problematiza-se a sociedade contemporânea.

Além disso, esse gênero textual contempla tanto a linguagem imagética quanto a verbal escrita; é riquíssimo em sentidos, desperta o gosto pela leitura, tende a tratar de temas atuais com certa dose de humor e crítica. Dessa forma, exige um conhecimento

²⁸³ Trabalho apresentado no GT 3 (Folkcomunicação midiática) da XX Conferência Brasileira de Folkcomunicação.

²⁸⁴ Doutorando em Estudos da Mídia, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). É membro do Grupo de Pesquisa em Jornalismo e Diversidade Cultural (Grujordi), da UFPB. E-mail: italoromany@outlook.com

²⁸⁵ Professor Doutor do Programa de Extensão Rural e Desenvolvimento Local (Posmex), da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). E-mail: recifrevo@yahoo.com

linguístico e de mundo maior para que, de fato, ocorra a construção de sentido. (ROCHA; LIMA, 2016, p. 8).

Diante dessa problemática, este artigo propõe analisar as charges publicadas pelo artista e ativista midiático Régis Soares, tendo como foco o contexto pandêmico. Por meio de seus desenhos, exibidos em via pública na cidade de João Pessoa (PB) e pelo *Instagram*, Soares muitas vezes usa suas charges para questionar e refletir o cotidiano de milhões de brasileiros, que enfrentam o vírus da covid-19, os problemas sociais e os questionamentos políticos.

Régis Soares, ao perfazer uma comunicação popular e acessível, retrata por meio de seus desenhos ilustrações humorísticas que envolvem a caricatura de figuras do meio político, problematizando as questões sociais. Dentro do contexto da pandemia da covid-19, o artista pôde explicitar principalmente o ambiente vivenciado pelo país.

O uso da linguagem popular e a defesa das demandas populares possibilitaram um grande alcance e adesão do público em relação às charges que se sucederam e abordaram variadas temáticas e acontecimentos. Com um trabalho de natureza revolucionária, conquistou também a admiração de participantes de sindicatos, movimentos sociais e de determinados grupos políticos. (COUTINHO, 2014, p. 20).

Ao expor os trabalhos na rua, o artista, assim, amplifica o espaço para além das questões midiáticas tradicionais (rádio, televisão, jornal etc.). Dentro dos estudos da Folcomunicação, Régis Soares é considerado um ativista midiático, “[...] um militante que organiza, planeja a participação de outros nos movimentos, que se posiciona a favor ou contra de determinada situação [...], é um propagador de ideias [...]” (TRIGUEIRO, 2008, p. 47). Circula entre o popular e o massivo, que utiliza desse hibridismo para circulação de propagação do conteúdo-folk nas mídias sociais.

A escolha pelo trabalho do artista Régis Soares como tema deste artigo tem afinidade com as questões da Folkcomunicação, pela expressividade artística exposta na rua, territorializando o espaço como uma plataforma folkmidiática, e pelos estudos de Trigueiro (2006, 2008), no tocante ao ativismo midiático, discussão esta permeada pelo presente artigo.

2 Régis Soares e o ativismo folkmidiático

Ao passar pela rua Etelvina Macêdo de Mendonça, no bairro da Torre, em João Pessoa (PB), o transeunte (seja de carro, ônibus ou a pé) avistará o mural do artista Reginaldo Soares Coutinho, mais conhecido como Régis Soares. Toda semana, uma charge diferente é retratada no painel, em frente ao seu ateliê, trazendo algum aspecto midiático, político ou social.

Figura 3 – Painel exposto em frente ao ateliê de Régis Soares



Fonte: Instagram Régis Soares

O primeiro painel pintado por Soares se deu em 1986, em forma de um protesto. Devido a um buraco em frente à casa do artista, Soares resolveu aproveitar que era época de eleição e criou uma charge em um pequeno painel na calçada. Desde então, principalmente por causa da repercussão que teve na imprensa, expõe semanalmente, na rua, problemáticas vividas pela população, retratadas pelo humor. (MAGALHÃES, 2013, on-line).

Sua atividade crítica, no entanto, não foi de todo pacífica. Se para a população as charges serviam de catarse, de uma revanche bem-humorada, para os políticos, alvo principal do chargista, foi motivo para perseguições e ameaças. Não foram poucas as vezes que tentaram tirar sua placa da calçada com alegações normativas, mas Régis resistiu a todas as represálias, contando com a cumplicidade da população e o apoio da imprensa. (MAGALHÃES, 2013, on-line).

Assim, há 35 anos, Soares, enfrentando perseguições políticas, também passa a ser admirado. O uso de uma linguagem popular e irreverente o faz adentrar no universo de milhares de paraibanos, que esperam, ao passar no bairro da Torre, qual o mote da semana satirizado no painel pelo artista.

Nessa configuração, Régis Soares é retratado aqui como um ativista folkmediático, no processo de mediação entre os conflitos do cotidiano, entre a comunidade e o poder público, por meio da sátira e de aspectos visuais propagados, não somente na rua, mas também pelas mídias sociais, especificamente o *Instagram*. Nessa mediação, o artista, enquanto um intermediador, cria alternativas com apelo comunicacional para romper, de certa forma, fronteiras, ao utilizar a rua como um território político.

Trigueiro (2006), nessa perspectiva, ressalta que o ativista midiático é um ator social dinâmico que, por meio dos canais que utiliza, encadeia uma série de mediações, fazendo com que este ativista se torne referência no campo em que atua. Ao mesmo tempo é um “[...] narrador da cotidianidade, guardião da memória e da identidade local, reconhecido como porta-voz do seu grupo social [...], apropria-se das novas tecnologias de comunicação para fazer circular as narrativas populares nas redes globais.” (TRIGUEIRO, 2006, p. 5).

É importante mencionar que Soares utiliza códigos utilizados no cotidiano para que a mensagem seja entendida por todos e todas. Por meios dos traços, expressa os problemas vividos pela população, seja a falta de água, de assistência social, ou temas mais amplos, assim como o da covid-19, mas que têm um impacto direto na sociedade.

Neste aspecto, ao trabalhar a presente temática, Soares cria canais de resistência, “[...] dos seus espaços de comunicação, em diferentes formatos, assumindo o papel de agentes socioculturais.” (WOITOWICZ, 2014, p. 97). Assim, por meio de um aspecto folkcomunicação – a rua, Soares problematiza as questões do cotidiano, amplificando também nas redes sociais seu trabalho.

Circula pelos espaços locais e globais, mediando conflitos, hibridizando culturas, produzindo novos conteúdos simbólicos, ao incorporar na linguagem hegemônica aspectos culturais locais e vice-versa num mundo interligado pelas tecnologias e/ou serve de ponte e facilitador entre comunidade e poder público, retroalimentando o espírito cívico local, através dos conteúdos simbólicos que inserem nas redes de comunicação cotidianas. (BEZERRA, 2016, p. 39).

O líder folk, primeiramente discutido por Beltrão (1980), é aqui amplamente discutido, na intermediação da figura popular que Régis Soares se tornou, problematizando os questionamentos sociais por meio de sua importante “arma”: a arte. É por meio dela que o artista fala, se comunica, faz as mediações que são necessários para que as vozes de grupos marginalizados sejam ecoadas para além da estrutura midiática tradicional.

3 CULTURA VISUAL: charges como resistência

As charges fazem parte de uma cultura visual que, no aspecto estudado por este artigo, compreende a problemática da resistência por meio dos traços e da caricatura. Para além do humor, as discussões em relação às temáticas trabalhadas fazem com que haja um diálogo mútuo entre o chargista e o público.

Nesse cenário, salientamos a charge como uma forma de retratar a atualidade por meio da crítica e do humor. Imersa no universo simbólico, aborda situações ou acontecimentos dignos de atenção e inquietação. Constitui elementos em sua maioria

visuais, mas também apresenta elementos textuais. Tal objeto requer uma compreensão para além de uma análise formalista. É necessário compreender a charge a partir de suas particularidades, assim como problematizá-la no cenário visual da contemporaneidade e no cenário pedagógico. (COUTINHO, 2014, p. 39).

Seja um problema na rua ou um tema de maior alcance, Soares enxerga e codifica retratos deste cotidiano. A cultura visual, aqui, se expressa por meio de artefatos utilizados para intervir, de uma certa forma, naquele território. Cruz (2018), por exemplo, afirma que as charges devem ser levadas em consideração para compreender os discursos midiáticos. Para o autor,

As charges – o discurso humorístico como um todo – se utilizam de recursos linguísticos como a ironia, a paródia, o trocadilho, a intertextualidade, entre outros, os quais são pontos onde se observa o ‘real do discurso’ sendo produzido. Ou seja, o equívoco se evidencia. O sujeito-chargista, ao brincar com as palavras, produz a movência de sentido. Dessa maneira, o discurso de humor se confronta com o desejo do sentido unívoco, apontando a opacidade da língua. (CRUZ, 2018, p.15-16).

Importante caracterizar que a contextualização do fato permite com que a mensagem ali permeada seja incorporada ante o receptor. A charge, enquanto linguagem, perpassa por discursos subjetivos, porta-voz de elementos circunscritos dentro da esfera pública.

No aspecto midiático, a charge é geralmente retratada por meio de veículos tradicionais, como o jornal, por exemplo, seja como exemplificação de algum fato do cotidiano, enquanto gênero opinativo, ou, em outros casos, publicado no caderno de cultura. O caráter temporal é outro aspecto característico do gênero, muitas vezes retratando algum fato que esteja nas rodas de conversa durante aquele dia.

Nos estudos da Folkcomunicação, como já exemplificado, as charges de Soares perpassam o campo da mídia tradicional, perfazendo nas ruas seus desenhos ecoarem, abrangendo diversos públicos. A cultura visual popular é entendida por todos, que tenham, obviamente, conhecimento daquele contexto. Por isso, dentro desta problematização, o aspecto midiático se faz presente, já que muitos dos temas trabalhados nas charges estão presentes nos telejornais.

Dentro desta problemática, enquanto proposta metodológica, este artigo segue os parâmetros de Joly (2007), no tocante à análise das imagens aqui estudadas. Para tanto, é preciso contextualizar inicialmente os fatos expostos na charge para, em seguida, compreender os aspectos implícitos e explícitos nela.

Uma outra precaução a tomar, quando procuramos determinar a função linguística (ou comunicativa) da imagem, é distinguir a função explícita da função implícita, que pode ser muito diferente. A observação do uso da mensagem visual em análise, assim como do seu papel sociocultural, pode revelar-se muito útil a este respeito. (JOLY, 2007, p. 66).

A análise imagética parte da proposta da análise de conteúdo, conforme os estudos de Laville e Dionne (1999), na coleta das informações, categorização das imagens, descrição e,

por último, interpretação do contexto. Para fins metodológicos, este artigo analisa as charges publicadas no *Instagram* do ativista midiático Régis Soares, no mês de março de 2021, um ano após o início da pandemia da covid-19 no Brasil. Serão utilizadas somente as sátiras que retratam o tema exposto ao novo coronavírus.

4 Covid-19 no Brasil

Antes de adentrarmos propriamente dito na análise imagética das charges, é importante contextualizar um pouco como o Brasil vem enfrentando o vírus da covid-19. O primeiro óbito veio em março de 2020. Até o fechamento deste artigo, o país contabilizava mais de 400 mil óbitos provocados pelo Sars-CoV-2.²⁸⁶ Números estes que, infelizmente, tendem a subir, principalmente pelo descaso de autoridades no enfrentamento do novo coronavírus.

O presidente Jair Bolsonaro, a título de exemplo, desde o início da pandemia, vem negando o vírus. Durante pronunciamento em cadeia nacional, em março de 2020, chegou a afirmar que a covid-19 era uma “gripezinha”. Em outros momentos, disse que a pandemia era uma “histeria”, “coisa de covarde” e que ficar em casa, em um momento como este, era somente “para os fracos”.²⁸⁷

Bolsonaro também criticou o papel da Organização Mundial da Saúde (OMS), no que tange as diligências de combate, e governadores e prefeitos, que adotaram medidas como o confinamento social para amenizar o efeito do vírus na população. “Nós temos que enfrentar os nossos problemas, chega de frescura e de mimimi. Vão ficar chorando até quando?”, disse o presidente.²⁸⁸

É um presidente que atenta contra a vida, e expõe milhares de brasileiros a via nua, assim, ele atenta também contra a democracia, construída por sangue e lágrimas neste país, por perdas de vida, que para este presidente, não parece ter significado, visto que para o mesmo não houve ditadura militar. No presente, é um ferrenho defensor do mercado, indo na contramão do que os demais países no mundo vêm realizando. (FREITAS, 2020, *online*).

Além dos discursos que problematizam a covid-19, houve falhas na aquisição de vacinas por parte do Ministério da Saúde. A farmacêutica Pfizer, que produz um dos imunizantes contra

²⁸⁶ 400 mil vidas perdidas: Brasil vê aumento em mortes de jovens, mas maioria das vítimas ainda tem mais de 60 anos. **G1**. Disponível em: < <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/04/29/400-mil-vidas-perdidas-brasil-ve-aumento-em-mortes-de-jovens-mas-maioria-das-vitimas-ainda-esta-na-faixa-acima-dos-60.ghtml>>. Acesso em: 30 abr. 2021.

²⁸⁷ RELEMBRE o que Bolsonaro já disse sobre a pandemia, de gripezinha e país de maricas a frescura e mimimi. **Folha de São Paulo**. Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/03/relembre-o-que-bolsonaro-ja-disse-sobre-a-pandemia-de-gripezinha-e-pais-de-maricas-a-frescura-e-mimimi.shtml>>. Acesso em: 24 abr. 2021.

²⁸⁸ 'CHEGA de frescura, de mimimi. Vão ficar chorando até quando?', diz Bolsonaro sobre pandemia. **O Globo**. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/coronavirus/chega-de-frescura-de-mimimi-va-ficar-chorando-ate-quando-diz-bolsonaro-sobre-pandemia-1-24909333>>. Acesso em: 24 abr. 2021.

o novo coronavírus, emitiu um comunicado em janeiro de 2021 informando que a primeira proposta ao governo federal para compra de vacinas foi feita em agosto de 2020, com previsão de entrega do primeiro lote a partir de dezembro do mesmo ano. As negociações só foram retomadas depois, o que atrasou a vacinação no país.²⁸⁹

Enquanto isso, o país enfrenta uma crise econômica que vem piorando a desigualdade social. Cerca de 19 milhões de pessoas passaram fome durante a pandemia no Brasil. É o que aponta o estudo da Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (Rede PENSSAN).²⁹⁰

Ao contextualizar a problemática do novo coronavírus no país, mas do que uma questão histórica, é também uma perspectiva crítica acerca do momento que vivemos. E trazer a proposta, dentro dos anseios da Folkcomunicação, permite, assim, um olhar acerca dos ditos grupos marginalizados, os que estão à margem, conforme os estudos de Beltrão (1980), cada vez mais imbricados num sistema que exclui e cala.

5 Percurso metodológico/análise

Num primeiro momento, este artigo quantificou as charges publicadas no *Instagram* pessoal do artista (algumas reproduzidas no painel em frente ao ateliê de Régis Soares), durante o mês de março de 2021. As publicações deveriam ter alguma relação direta ou indireta com a temática da covid-19. Nesta perspectiva, foram, ao total 8 posts. Assim, como explicado, a ideia era o de contextualizar a problemática, fazendo uma análise de conteúdo destas charges, enquanto método qualitativo. Entre as temáticas abordadas por Régis Soares, destacam-se as categorias: política (4), vacina (3) e problemática social (1). Por uma questão de espaço, escolhemos três exemplos, uma de cada categoria, para a discussão.

Enquanto percurso metodológico, a análise de conteúdo utilizada partiu dos estudos de Laville e Dionne (1999). Não só numa questão descritiva, mas sim uma análise também crítica das publicações. Ao categorizar em temáticas, afere-se um maior processamento acerca da estrutura e dos elementos ali postos. Ao mesmo tempo, contextualiza-se a imagem para compreender no todo o método que incide sobre aquele discurso iconográfico.

²⁸⁹ PFIZER diz que ofereceu proposta para Brasil comprar vacinas em agosto. **CNN Brasil**. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2021/01/08/pfizer-diz-que-ofereceu-proposta-para-brasil-comprar-vacinas-em-agosto>>. Acesso em: 24 abr. 2021.

²⁹⁰ BRASIL tem 19 milhões de pessoas passando fome em meio à pandemia. **Brasil de Fato**. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2021/04/05/brasil-tem-19-milhoes-de-pessoas-passando-fome-em-meio-a-pandemia>>. Acesso em: 24 abr. 2020.

Joly (2007) considera a imagem uma linguagem visual composta por diversos signos, que constituem a intencionalidade ou não do produto/objeto a ser analisado. “Seja ela expressiva ou comunicativa, é possível admitir que uma imagem sempre constitua uma mensagem para o outro, mesmo quando o ‘o outro’ somos nós mesmos.” (JOLY, 2007, p. 13). Menciona-se, ainda, que esta compreensão não remete somente ao visível, mas também as concretizações e produções de sentidos presentes nessa descrição.

A título de exemplo, em 3 de março de 2021, Régis Soares publicou a imagem abaixo. Nelas, são caracterizados o presidente Jair Bolsonaro e o ex-ministro da Saúde Eduardo Pazuello. Os dois personagens estão ao lado da representação corporal da vacina da covid-19. Na imagem, o imunizante e a injeção aparecem “aflitas, “assustadas”. Bolsonaro, aos ouvidos de Pazuello, que ri da situação, diz o seguinte: “São subversivos, comunistas e esquerdistas!”.

Figura 4 – Vacinas "subversivas"



Fonte: Instagram de Régis Soares

Régis Soares, nesta perspectiva, contextualiza o problema da vacinação no país. Bolsonaro, por diversas vezes, fez discursos criticando a eficácia de imunizantes para o novo coronavírus. Em certo momento, chegou a afirmar que a vacina poderia transformar alguém em “jacaré”.²⁹¹ Pazuello, por outro lado, foi o terceiro ministro da Saúde a ocupar o cargo nesta pandemia. Conseguiu tal proeza porque seus antecessores, Henrique Mandetta e Nelson Teich,

²⁹¹ Bolsonaro sobre vacina da Pfizer: ‘Se você virar um jacaré, é problema seu’. Isto É. Disponível em: <<https://istoe.com.br/bolsonaro-sobre-vacina-de-pfizer-se-voce-vice-um-jacare-e-problema-de-voce/>>. Acesso em: 30 abr. 2021.

não quiseram autorizar o uso da hidroxicloroquina, um medicamento sem eficácia para a covid-19, e defendido abertamente pelo governo federal.

“As charges, dentro de sua heterogeneidade pictórica e discursiva, trazem as marcas e os contornos de uma subjetividade subalterna, da qual pressuponho ser porta-voz”, (CRUZ, 2018, p. 21). A partir desta citação do autor, compreendemos aqui a charge como reflexo de um tempo em que o chargista problematiza, por meios dos questionamentos políticos, uma criticidade em torno de temas comuns à sociedade. Régis Soares, enquanto ativista folkmediático, faz uma crítica ao presidente Bolsonaro, que, por muitas vezes, desdenhou da vacina da Covid-19.

Além disso, o chargista, em sua linguagem, satiriza a expressão “comunista”, usada por pessoas da direita para criticar qualquer discurso que venha de encontro aos ideais do governo. Aqueles que defendem a vacina, assim, seriam “comunistas”. Soares, nesta iconografia, reflete os diversos signos representativos da gestão Bolsonaro diante do novo coronavírus. Pelo riso de Pazuello, pela expressão visual do presidente, pela “aflição” da vacina, o chargista expõe sua arte crítica política.

Em 4 de março, Regis Soares problematiza em outra charge a covid-19 a partir da questão política. No desenho, Bolsonaro aparece sentado, em um restaurante (sem máscara), enquanto é servido por um garçom (também sem máscara). Na fala, o presidente diz: “Meu filho comprou uma mansão por 6 milhões”. Para retrucar, o garçom responde, ironicamente: “E o meu tá com covid e não tem um leito”.

Aqui, o chargista traz à tona o escândalo que envolveu a compra de uma mansão no valor de R\$ 6 milhões por parte do senador Flávio Bolsonaro, filho do presidente, em uma área nobre de Brasília. Segundo o jornal Folha de São Paulo,²⁹² o parlamentar financiou parte da compra do imóvel por meio de um banco que é comandado por um aliado ao presidente Jair Bolsonaro.

Apesar de comprovadamente não haver nenhuma irregularidade na compra da mansão, questiona-se como um parlamentar, em plena pandemia, faz um investimento deste tipo, que seria incompatível com a renda mensal, mesmo de um senador. O parlamentar é investigado pelo Ministério Público do Rio de Janeiro em um suposto esquema de “rachadinha”, por meio de repasse de recursos (salários de servidores públicos ou prestadores de serviços) para políticos ou assessores dos gabinetes.²⁹³

²⁹² COMPRA de mansão de R\$ 6 milhões por Flávio Bolsonaro tem perguntas sem respostas; saiba mais. **Folha de São Paulo**. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/03/entenda-compra-da-mansao-de-r-6-mi-por-flavio-bolsonaro.shtml>>. Acesso em: 2 maio 2021.

²⁹³ COMO uso de dinheiro vivo pelos Bolsonaro pode explicar suposto esquema da 'rachadinha'. **Folha de São Paulo**. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/08/como-uso-de-dinheiro-vivo-pelos-bolsonaros-pode-explicar-suposto-esquema-da-rachadinha.shtml>>. Acesso em: 2 maio 2021.

Figura 5 – Não temos leitos



Fonte: Instagram Régis Soares

Ao utilizar o caso da compra da mansão, Régis Soares problematiza e foca nas diferenças sociais existentes entre as diversas classes. Bolsonaro recebe a resposta de um trabalhador, que enfrenta cotidianamente transportes públicos lotados para obter alguma renda. Grupos que não têm a opção de “ficar em casa” e assim estão mais dispostos a contrair o vírus. A antítese da charge, para além da sátira, é a criticidade na relação existente no cuidado com essas pessoas. Sem incentivos financeiros, estão à mercê de hospitais lotados, sem saberem se sobreviverão à covid-19. Realidade social de milhões de brasileiros e brasileiras – à margem de um país que definha.

Aqui inclusive poderíamos discutir a noção de “novo normal”, termo que surgiu para exemplificar os tempos pandêmicos e de confinamento social. Para trabalhadores, conforme mencionado, que precisam sair de casa, sem um auxílio financeiro digno, este “novo normal” nunca, de fato, existiu.

Para que algo seja normal é preciso ser considerado aceitável por uma maioria comum. Reside na semântica e na etimologia da palavra maior problema dela: normal é algo que exclui. E, no Brasil, exclusão faz parte de nossa bagagem cultural e social. (SBRAGIA, 2020, p. 30).

A charge aqui tem um caráter social, revelando uma linguagem e um contexto que é referente de todos que passam pelo mesmo problema. Régis Soares media as relações dos diferentes grupos marginalizados, fazendo com que haja uma mútua identificação por meio das charges.

Figura 4 – Brasil Vacinado



Fonte: Instagram Régis Soares

Em outro exemplo, publicada em 21 de março de 2020 (imagem acima), o artista expressa o desejo de todos os brasileiros neste momento, que é a da vacina contra a covid-19. Ao retratar o mapa do país, em verde e amarelo, recebendo o imunizante, percebemos também que Régis Soares problematiza as questões de apoio à ciência. É uma forma de fazer com que a população confie na eficácia da vacina, apesar de diversos negacionistas serem contra. Num momento como este, de pandemia, faz-se necessário esse tipo de iniciativa. Um país vacinado é um país que pode pensar em um futuro.

6 Considerações finais

O nome do artista Régis Soares pode até não ser lembrado num primeiro momento pelos paraibanos, mas as suas charges, que refletem o país que vivemos, são exaltadas pela população justamente por estarem expostas na rua – uma das formas mais democráticas de comunicação.

Como ativista folkmediático, dentro das proposições que discutimos no presente artigo, Régis Soares utiliza suas charges também na perspectiva pedagógica. Ao problematizar o uso de máscaras, vacinas, isolamento social, ou seja, medidas efetivas no combate ao novo coronavírus, os desenhos são assimilados pela população que, de uma certa maneira, compreendem a necessidade de se cuidarem para evitar a propagação do vírus. É na comunicação popular que a ciência pode, de uma certa maneira, se “popularizar” para além da divulgação pela imprensa.

Apesar de as charges escolhidas para análise terem sido publicadas no *Instagram*, isso não faz com que o trabalho de Régis Soares seja diminuído, ao contrário, ao expor seus trabalhos nas redes sociais, o artista amplia seu público, já que, apesar de os desenhos serem expostos na rua, enquanto território, ele é fixo. Assim, no digital, essa dinamicidade amplia as discussões que são satirizadas pelo chargista.

Régis Soares é um mediador desses conflitos. Nas charges políticas, as críticas ao presidente Jair Bolsonaro, no tocante à administração durante a pandemia, refletem, de uma certa maneira, as nuances acerca de uma população que está à margem de todas essas discussões. São brasileiros e brasileiras que morrem numa fila de UTI, que precisam sair de casa para trabalhar, que não têm auxílio financeiro para poder manter a família longe do vírus. Enquanto o governo não tomar medidas neste sentido, vidas morrem todos os dias.

Por último, acreditamos que este trabalho inicial permite compreender a importância da arte nestes tempos de pandemia, de valorização de nossos artistas. Aos que estão na labuta, mesmo fora dos palcos tradicionais, nosso reconhecimento.

REFERÊNCIAS

Beltrão, Luiz. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados**, São Paulo: Cortez, 1980.

BEZERRA, Juliana Freire. **Folk-ativismo para o desenvolvimento local: políticas e estratégias de comunicação na comunidade Padre Hilton Bandeira**. Dissertação (Mestrado). Pós-Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local. Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2016.

COUTINHO, Raissa Regina Silva. **O discurso sobre o uso pedagógico da charge na EJA**. Dissertação (mestrado) do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal da Paraíba, 2014.

CRUZ, Adriano Charles. **A Charge no governo Lula: crítica e resistência ao neoliberalismo**. Natal: EDUFRN, 2018.

FREITAS, Sara da Silva. O poder soberano e a política da vida em tempos de pandemia. **ODELA**. Disponível em: < <https://www.ufrgs.br/odela/2020/04/22/o-poder-soberano-e-a-politica-da-vida-em-tempos-de-pandemia/>>. Acesso em: 24 abr. 2021.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da Imagem**. Lisboa: Edições 70, 2007.

LAVILLE, C.; DIONNE, Jean. **A Construção do Saber**. Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Artmed, 1999

MAGALHÃES, Henrique. Régis Soares e a charge na rua. **Memorial da História em Quadrinhos da Paraíba**, 2013. Disponível em:

<<http://www.memorialhqpb.org/autores/regissoares/regissoares.html#:~:text=R%C3%A9gis>



redefolkcom

XX Conferência Brasileira de Folkcomunicação

São Luís, 29 e 30 de junho, 01 e 02 de julho de 2021 - UFMA

Página 459 de 806



%20Soares%2C%20ou%20Reginaldo%20Soares,consolida%C3%A7%C3%A3o%20do%20trabalho%20de%20R%C3%A9gis>. Acesso em: 19 abr. 2021.

ROCHA, Renata Amaral de Matos; LIMA, Bruno de Assis Freire. O Gênero Charge e a Construção de Leitores Críticos. **Revista Idioma**, Rio de Janeiro, nº 30, 2016.

SBRAGIA, Piero. A falácia do suposto normal. In: ALMAS, Almir ... [et al.] (Org.).

Pandemídia: vírus, contaminações e confinamentos. São Paulo: USP, 2020.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. **Folkcomunicação & ativismo midiático**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2008.

_____. O ativista midiático da rede folkcomunicacional. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, v.4, n.7, 2006.

WOITOWICZ, Karina Janz. Ativismo (folk)midiático e estratégias de luta na Marcha das Vadias: recortes da ação política nas ruas e nas redes. **Revista Internacional de Folkcomunicação**, Volume 12, número 26, 2014.